

A mesma morada

Foi nos anos 80 que se começou a desenhar um novo destino para a pintura de Armando Alves e, como sempre acontece, há alguém que, do lado exterior, observa o que se passa e retira dessa observação todas as consequências. Nesse momento foi Fernando Pernes quem indicou o caminho por onde enveredava o pintor reconhecendo nele a transfiguração da paisagem, a ressonância dos espaços alentejanos onde Armando Alves nascera e a evocação marítima do norte do país onde viria a radicar-se.

Dir-se-ia que o pintor avançou nesses anos para um lugar onde ainda se encontra. A sua morada continua a ser a paisagem.

É claro que muito mudou neste período de cerca de vinte e cinco anos. Hoje já não se encontram vestígios daquela encenação erudita da paisagem através de janelas abertas na superfície, já não se identificam geometrias claras abertas na matéria, desapareceram aqueles sinais evidentes de que a pintura participa da meditação e do legado culto da arte. Pelo contrário, assistiu-se a uma gradual libertação destas amarras e no lugar daqueles sinais evidenciou-se o sabor de uma prática oficial mais descomprometida. Já o tinha afirmado num capítulo anterior desta crónica que se vai construindo ao lado do trabalho desenvolvido pelo artista: "Abandonando o exercício ao prazer da pintura, Armando Alves vem impondo uma escolha de liberdade e de acalmia que evolui lentamente e continua a produzir trabalhos ante pretextos recorrentes de mar, terra e horizonte."

Mas os pintores têm o direito (não o dever, como alguns pretendem) de nos surpreender e eis que nesta exposição, quando se aguardava o prolongamento da linguagem a que Armando Alves nos habituou, inesperadamente surgem novos sinais. Observem-se as duas peças de maior dimensão agora expostas, onde um elemento fortemente estruturado, vigoroso, imponente, se destaca na paisagem envolvente. A marcação do espaço que ocupa é cuidadosamente estudada, de modo a garantir que esse elemento domina a paisagem e domina a pintura.

É então necessário lembrarmos o trajecto anterior de Armando Alves para esclarecer a presença desse elemento que assim perde o carácter inesperado com que se nos

apresentara. De facto, ele configura-se como árvore, oliveira retorcida, altiva no seu isolamento, e esta leitura faz-nos recuar até aos anos 60 quando na obra do artista se perfilavam essas mesmas árvores.

Esta exposição é a prova conclusiva daquela noção tradicional, segundo a qual um pintor é uma criatura inteira e por mais evoluções, inversões de trajecto, recusas, negações ou experiências que faça ao longo da sua vida, é sempre do mesmo ser que se trata, do mesmo espírito criador, da mesma vontade...

As duas peças que decidi destacar da série de trabalhos agora exposta, manifestam a coerência interior, o diálogo do pintor consigo próprio, a inteireza de uma obra. A morada de um artista não tem configuração topográfica nem denominação toponímica porque ele reside no interior do seu próprio trabalho.

Laura Castro